



88110233



International Baccalaureate®
Baccalauréat International
Bachillerato Internacional

PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Wednesday 9 November 2011 (morning)

Mercredi 9 novembre 2011 (matin)

Miércoles 9 de noviembre de 2011 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

Ver: aos doze anos de idade, perdi o dom de ver. Sobrou-me o dom de ouvir. E de pegar. De intuir e de farejar. Dons outros para o mar enorme dos entendimentos.

O que sou: sou homem atravessado pelas melancolias e tenho visões mentais com as palavras que eu escuto. As palavras ouvidas fazem em mim o trabalho das sementes. A cada
5 palavra ouvida, um jardim de miragens. Besouros e borboletas que levam nas asas boas lanternas, bons faróis, bons holofotes. A cada palavra ouvida, um enxame nas coisas pensadas, vaga-lumes nas coisas imaginadas.

Com as gentes, não me dou bem. Mais por elas do que por mim. Elas é que se afastam com as asperezas do meu silêncio, um silêncio que intuo ser um silêncio de pedra, rochedo diante das
10 pessoas. O que sou deveras amigo é das flores. O que flora me encanta. E se não posso vê-las, posso cheirá-las, senti-las, nos jardins eu posso roçar os meus dedos em pétalas-de-puro-amor.

As palavras que eu escuto: nelas eu tenho a minha carne, nelas eu tenho o meu pão. Durante anos, paguei honorários para que lessem aos meus ouvidos o melhor do que há nos livros. De fato, leram, fartaram-me por anos e anos com vozes e histórias, histórias em carretéis de linha,
15 trançado de tapetes, têxtil labor de quem conta as maravilhas.

As vozes: nelas eu distingo os corações.

As histórias: nelas eu viajo a minha quietude.

Não sou rico, mas herdei razoáveis posses em casa bancária como filho único do meu velho pai, tabelião notário do registro civil, ele próprio homem de bibliotecas até o fim
20 dos seus dias. Até quando viveu, foi ele o leitor paciente que lia o que os meus olhos já não podiam ler. Lá tenho ainda a voz do velho na minha memória, seu jeito de arrumar as frases umas atrás das outras, palavras caiadas de branco, sóis dentro das letras, povoações de páginas. Hoje eu já sou mais velho do que o meu velho pai, pois ele viveu só um tanto muito pouco do que merecia viver. E ausentado o pai, obtive leitoras e leitores para povoar em mim o mundo
25 das histórias. Minha mãe eu não conheci.

Uma Cândida: só de lembrá-la, tenho propensões a vertigens e propensões a tremores.

E esta Cândida, estudada em ficções, foi a primeira leitora que eu tive depois que não pude mais contar com as leituras do meu pai. Eu era já homem feito, morador sozinho em um bairro a que davam o nome de Tristeza, e sabedor, quase de cor, dos caminhos de ir e dos caminhos de
30 voltar pelos passos do meu guia. A cidade por essa época era aprazível, ajardinada, com bondes para sossegados trajetos. E havia de quando em quando o cheiro dos manacás.

Cândida lia-me Machado, Eça, sermões do Padre Vieira. Possuía voz cantante, grave, embora doce, com alguns recantos de enigma. Ela vinha sempre pelas manhãs, sentava-se na poltrona ao lado, perguntava-me qual autor eu queria naquela hora. Quase sempre, era ela
35 quem escolhia o livro a ser lido. Tirava-o da estante com mãos de fada, eu escutava os passinhos dela pelo assoalho. Ela voltava, se sentava e creio que dava um suspiro antes da primeira palavra. E assim, dia após dia, ela pôs o Casmurro nos meus ouvidos, rimos juntos do Fradique Mendes.

Paulinho Assunção, *A voz da mulher do lado* (adapt.), Brasil (2007)

2.

Carta ao Turista

Pedes-me que te fale desta terra,
mas de nada adiantaria
falar-te do recorte da baía, da espraçada marginal que a cerca,
das altas palmeiras que lhe acenam, da ilha de areia que a defronta,
5 do farol que os barcos guia,
dos femininos morros que a enformam.

Do alto da varanda do teu quarto de hotel,
em terras por mim nunca visitadas,
já viste estas imagens projetadas
10 inúmeras vezes num cenário fabricado.
Mas se ousasse
poderia enfim contar-te
que ao cair da tarde,
quando o sol rápido mergulha no vermelho do mar,
15 se podem por momentos vislumbrar os vultos de sereias prateadas
ou que ao nascer da aurora,
quando os raios do sol inundam a laranja dos morros,
se podem por momentos observar os rastos passageiros
de mulheres aladas.
20 Estaria porém a efabular
e a ti, querido turista,
só te interessa a realidade programada.

Falar-te dos frescos quartos dos hotéis, das fartas mesas de iguarias, dos
famosos e niveos areais e das frondosas praias de águas
25 tépidas e azuis,
isso sim te reconfortaria.

Dizer-te que te podes entupir do falso artesanato de madeira,
de panos pintados holandeses, relógios chineses,
tapetes libaneses e até,
30 com alguma sorte, de um
acocorado
cansado
esquecido
nativo pensador.
35 Seria uma ilusão porém dizer-te
que tudo o que esta terra tem é consumível
porque a sua maior riqueza, a que enfeitiça,
não se te apresenta como artigo disponível.

Luísa Coelho, *Kunuar*, Portugal (2009)